

Rádio e epistemologia: distanciamento e aproximações nos GTs da Compós de 2000 a 2022

Radio and epistemology: distance and approximations in the Compos GTs from 2000 to 2022

Radio y epistemología: distancia y acercamientos en los Compos WGs del 2000 hasta el 2022

Paulo Fernando de Carvalho Lopes; Norma Meireles; Sheila Borges de Oliveira; Patrícia Monteiro.

Resumo

Este artigo faz um movimento de aproximação do rádio com a epistemologia envolvendo inquietações para compreender como a produção de conhecimento em rádio contribui para o debate epistemológico tendo por base os GT'S da Compós. Considerando a dificuldade de identificar os textos aprovados sobre rádio, nos últimos 23 congressos, buscou-se, metodologicamente, termos que funcionassem como operadores semânticos para lastrear a investigação. Após um pré-teste com busca de palavras no sistema de três Anais em distintos anos, percebeu-se um maior número de respostas nos operadores: rádio, radiojornalismo, áudio e sonoro(a). Como conclusão, identificou-se uma presença significativa de artigos sobre o rádio e a ausência, até agora, de uma discussão mais epistemológica do universo radiofônico. Ao identificar dispersão, fez-se a aproximação, para promover um debate que aponte a importância de questões epistemológicas nos estudos de rádio.

Palavras-chave: Rádio; Epistemologia. Grupos de trabalho; Compós.

>> Como citar este texto:

LOPES, Paulo; MEIRELES, Norma; OLIVEIRA, Sheila Borges de; MONTEIRO, Patrícia. RÁDIO E EPISTEMOLOGIA: Distanciamento e aproximações nos GT's da Compós de 2000 a 2022. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 3, p. 9-39, out./dez. 2023.

Sobre os autores

Paulo Fernando de Carvalho Lopes

pafecalo@ufpi.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-8104-7334>

Doutor em Comunicação e Cultura pela (UFRJ). Professor titular na Universidade Federal do Piauí. Professor na Graduação em Jornalismo e no Mestrado. Coordenador do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Discursos (JORDIS).

Norma Meireles

norma.meireles@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8954-663X>

Doutora e mestra em Educação (UFPB). É professora do curso de Radialismo e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB. É pesquisadora dos Grupos de Pesquisa: Jornalismo Audiovisual Expandido (JAE) e Convergência e Jornalismo (Con)or.

Sheila Borges de Oliveira

sheila.boliveira@ufpe.br

<https://orcid.org/0000-0002-2614-2344>

Doutora em Sociologia (UFPE). É professora do curso de Comunicação Social e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da UFPE.

Patrícia Monteiro

patricia.monteiro@academico.ufpb.br

<https://orcid.org/0000-0001-6615-3358>

Doutora em Comunicação (UFPE) e

mestra em Comunicação e Culturas Midiáticas (UFPB). É professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba. É uma das líderes do Grupo de Pesquisa Jornalismo Audiovisual e Expandido e do grupo de pesquisa Imaginarium. Integra o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor).

Abstract

This article brings radio closer to epistemology, involving concerns to understand how the production of knowledge on radio contributes to the epistemological debate based on Compós' GTS. Considering the difficulty of identifying approved texts on radio thematic in the last 23 congresses, methodologically, terms were sought to function as semantic operators to support the investigation. After a pre-test with word search in the system of three Annals in different years, a greater number of responses was noticed in the operators: radio, radio journalism, audio and sound. As a conclusion, a significant presence of articles on radio was identified and the absence until now, of a more epistemological discussion of the radiophonic universe. Identified the dispersion, an approximation was made to promote a debate that points to the importance of epistemological issues in radio studies.

Keywords: Radio; Epistemology; Working group's; Compós.

Resumen

Este artículo hace un movimiento de acercamiento de la radio con la epistemología abarcando inquietudes visando comprender como la producción de conocimiento por la radio contribuye para el debate epistemológico teniendo como base los GTs de la Compós. Considerando la dificultad de identificar los textos acerca de la radio, aprobados en los 23 últimos congresos, se buscó, metodológicamente, términos que puedan servir como operadores semánticos para sostener a la investigación. Después de un pre-testeo, buscando palabras en el sistema de tres anales de años distintos, fué observado un número mas grande de respuestas en

los siguientes operadores: rádio, rádio periodismo, audio y sonoro (a). Como conclusión, fué identificada una presencia significativa de artículos acerca de la radio y la ausencia , hasta ahora, de una discusión mas epistemológica del universo radiofónico. Una vez identificada la dispersión, se hizo el acercamiento, para provocar un debate que muestre la importancia de cuestiones epistemológicas en los estudios de la radio.

Palabras clave: Radio; Epistemologia; Grupos de trabajo; Compós

Introdução

A morte do rádio vem sendo decretada há muito tempo por previsões futurológicas que tomam por base o surgimento de um novo meio de comunicação como fator de impacto decisivo para a perda da vida útil do meio de comunicação hegemônico em uma determinada época. Com base nesta premissa, durante muitos anos, o veredito era o "fim" do rádio. A sua primeira morte foi prevista com a chegada da televisão no Brasil, na década de 1950, no século XX. Depois, a "certeza" veio com o surgimento da internet, a popularização do uso de equipamentos móveis e a facilidade do acesso a redes sociais, entre as décadas de 90 do século XX e 2000 do século XXI. No entanto, o que presenciamos é sua resistência, readaptação, mudança e reinvenção nos últimos anos, nos mais variados aspectos, em função das transformações do ecossistema comunicativo.

Essa reconfiguração ocorreu para além das convergências tecnológicas (JENKINS, 2008), mas passou, necessariamente, por transformações culturais e sociais nas quais velhas e novas mídias dialogam em um processo colaborativo contínuo entre produtores e consumidores (JENKINS, 2014). Neste contexto, o rádio se adaptou a uma nova realidade e se tornou o que Lopez (2009) conceitua como hipermediático e Kischinhevsky (2016) nomeia como rádio expandido. Neste artigo, vamos recortar o aspecto da produção de conhecimento sobre rádio em artigos apresentados no Encontro Anual da Compós entre 2000 e 2020.

Fazemos aqui um investimento na investigação de uma epistemologia focada no conhecimento científico produzido no campo radiofônico. Uma

primeira observação que indicou o caminho seguido foi a constatação da existência de uma grande produção de pesquisas, publicações e eventos em rádio. Este movimento, observado mais sistematicamente, foi um indicador de que há uma área em efervescência e crescimento, muito contrária a um “diagnóstico de finitude”, uma vez que se isto fosse uma verdade, seria encontrada diminuição, paralisação ou escassez de produção científica de pesquisas e estudos em rádio. O que se percebe é que eles têm crescido bastante no Brasil nos últimos anos.

E por que lançar um olhar sobre a epistemologia e aproximá-la do rádio? Primeiro, pela necessidade de uma reflexão sobre um conhecimento em rádio que vem sendo gerado há mais de três décadas no Brasil e, segundo, voltar a atenção para a natureza epistemológica desse conhecimento. Ante ao exposto, temos uma primeira indagação: é possível fazer uma discussão epistemológica em rádio? Caso a resposta seja afirmativa, indaga-se, como fazer e por onde começar?

Este artigo parte da premissa de que é possível, sim, que esta discussão seja feita, porque os dados mostram que já vem sendo feito. O que se busca é trazê-la de uma forma mais sistematizada e problematizadora a partir do material existente nos Anais da Compós. Identificamos, por meio de um levantamento de dados, que esta produção de conhecimento encontra-se distribuída entre os vários GTs devido à ausência, até 2023, de um espaço próprio de discussão, e, por isso mesmo, apontar de uma forma consciente que inúmeras questões e problematizações vão ficar de fora pela limitação de espaço de escrita: recortes necessários, nesse momento, para uma adequação ao objetivo deste artigo, que é iniciar uma reflexão sobre a produção de conhecimento sobre o rádio.

O rádio tem uma grande importância tanto na história dos meios de comunicação de massa no Brasil quanto no seu papel social, político, econômico e cultural de unir este país de dimensão continental com alto grau de analfabetismo, desde seu nascedouro, em 1919, em Pernambuco, com a

criação da Rádio Clube por um grupo, na época, de radioamadores, como registra o documento da Carta de Natal (ALCAR, 2019) cem anos após o surgimento da primeira rádio.

Na transição para o atual modelo, impulsionado pelos avanços tecnológicos, o rádio teve como desafio trazer para si a capacidade de construir novos modos de produzir, ouvir e interagir, manter a circulação dos conteúdos sonoros e conseguir estabelecer conexão com os ouvintes internautas. Considerando que pertencemos à grande área da Comunicação e o debate epistemológico que vem sendo feito ao longo das últimas duas décadas, pontuamos ser muito importante a inserção dos estudos de rádio nesta discussão.

As pesquisas, os estudos e a produção científica em rádio têm aumentado bastante nos últimos 32 anos no Brasil, firmando-se, inclusive, em nível internacional. Desta forma, consolida-se como uma área de produção de conhecimento cujos objetos de investigação vêm transformando a realidade do universo radiofônico a ponto de surgir mais uma pergunta-inquietação: é possível sistematizar, dentro da área da Comunicação, uma reflexão “fora da curva” numa estrada já bastante consolidada no país? A trajetória resultante desta pergunta é que é bem desafiante. Oliveira (2013) afirma que o rádio tem sido um meio de comunicação muito negligenciado pelos estudos científicos em comunicação. Segundo a autora, ele é quase invisível nas ciências da comunicação.

Oliveira e Prata (2015) defendem a necessidade da produção de conhecimento nos estudos em comunicação que foque na cultura do ouvir em tempos dominados pelo olhar. Segundo as autoras:

Comparativamente com outras áreas de conhecimento, os Estudos de Rádio e de Som têm, a nível mundial, uma tradição relativamente menor e mais discreta no quadro das Ciências da Comunicação. Embora as linguagens sonoras sejam até anteriores à comunicação visual, a consolidação dos chamados *communication studies* está muito mais ligada ao interesse despertado pelos suportes visuais que se expandiram ao longo do século XX do que ao interesse pelos meios de natureza exclusivamente acústica. Vários fatores poderão explicar, do ponto de vista histórico, este déficit de atenção dos investigadores pela comunicação sonora. (p. 15)

Ao entrevistar pesquisadores de rádio no Brasil, Maia (2019, p. 158) observa em um grupo que "o rádio é visto como um objeto pouco explorado dentro da área de comunicação." Em outro grupo, os entrevistados apontam a existência de pouco interesse, na área, em realizar pesquisas sobre o rádio. Embora Maia (2019, p. 158) aguardasse uma "polarização entre opiniões sobre o pertencimento ou não do rádio ao campo da Comunicação, não é isso que temos."

O esclarecimento inicial acerca da proposta deste texto é marcar com clareza que se trata de um movimento de abertura a inquietações e questionamentos surgidos e não uma cobrança ou uma escrita ressentida aos grupos de trabalho da Compós pela ausência de uma reflexão epistemológica sobre o rádio. Cobrança ou ressentimento poderiam levar para fora do objetivo da produção do conhecimento científico sobre o rádio pelo fato de ambos os movimentos sofrerem destituição logo de início. Para a cobrança, a resposta imediata que perderia o objeto do pleito seria a própria existência de um GT de Epistemologia da Comunicação no qual esta discussão seria bem-vinda, caso houvesse algum artigo nesta temática, o que identificamos não haver e não podemos dizer se foi por ausência de propostas ou não aprovação de artigos devido ao não cumprimento das exigências que os habilitassem a levar ao referido GT esta discussão. O fato foi que identificamos a ausência de algum artigo que discutisse questões epistemológicas que envolvessem o rádio nestas mais de duas décadas daquele Grupo de Trabalho.

O objetivo deste artigo é, portanto, trazer algumas inquietações que se tornaram norteadoras do processo que envolveu a construção do presente texto. Qual o espaço para as questões radiofônicas nos GT's da Compós? Como costurar o lugar do rádio no campo epistemológico? Poder-se-ia pensar uma epistemologia para o rádio ou poder-se-ia dizer que as questões centrais da sua produção do conhecimento já estariam contempladas pelos aportes teóricos, metodologias, autores e discussões já realizadas no campo da Comunicação? Haveria necessidade de uma epistemologia do/para o Rádio?

Fazendo conexões

As perguntas iniciais deste artigo já se fazem presentes há algum tempo, mas começaram a ganhar materialidade ano passado quando foi feito um levantamento de dados nos Anais da Compós (COMPÓS, 2023) e a decisão de fazer um levantamento por um período de 22 anos. Verificou-se, de 2000 a 2022, que as questões do rádio e outras mídias sonoras estão presentes em diferentes GT's, mas se percebeu a inexistência de uma discussão que trouxesse como foco a epistemologia.

A partir desta constatação inicial, outras perguntas surgiram: é possível falar em epistemologia do rádio?; de qual epistemologia estamos tratando?; há apenas um conceito de epistemologia ou a complexidade e a polissemia pluraliza esta discussão?; as questões fulcrais do campo radiofônico já estariam incluídas nas discussões sobre comunicação?; haveria espaço para um olhar epistemológico para o campo do rádio?; seria um desafio ou ingenuidade entrar nesta seara de propor uma reflexão sobre a epistemologia do rádio quando não há quase nenhum trabalho científico trazendo explicitamente este enfoque? É importante salientarmos que estas são questões norteadoras, partimos delas neste artigo, mas sem a pretensão de responder a todas, muito menos esgotá-las.

Participantes, como ouvintes, das discussões em vários congressos e leitores de muitos dos artigos apresentados, o incômodo e a surpresa pela inexistência de textos sobre rádio começaram a desenhar esta proposta para que dialogasse com as questões acima elencadas e permitisse fazer um levantamento dos estudos sobre rádio, com objetivo de investigar seu lugar no campo da epistemologia e seus desdobramentos, as características do(s) objeto(s) do rádio e as perspectivas para investigação deste(s) objeto(s), as questões epistemológicas relativas às pesquisas e as metodologias utilizadas nas investigações sobre rádio e seu lugar como área de conhecimento.

Tem-se ciência de que há mais questões do que este artigo consegue

responder sem tergiversar ou ser superficial. Algumas delas são bem prováveis que não se possa responder e talvez possam até ser empecilho à tentativa de trazer o rádio para uma reflexão “nova” no campo da epistemologia. Considera-se fundamental apresentar determinado alicerce para, assim, começar a construção de uma reflexão que possa, inicialmente, receber argumentos contrários. Porém, esta aproximação ilumina e complementa a relação rádio e epistemologia.

O termo epistemologia vem do grego a partir da junção das palavras episteme, que quer dizer ciência, e logos, conhecimento/teoria/saber. Não existe um consenso sobre um conceito do termo nem sobre as abordagens que tratam do problema do conhecimento. Como uma forma de traçar um caminho que permita dar base às questões e investigação feitas, optamos pela definição de Japiassú e Marcondes (1986) quando afirmam que:

ela se interessa pelo problema do crescimento dos conhecimentos científicos. Por isso, podemos defini-la como a disciplina que toma por objeto não mais a ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de gênese de formação e de estruturação progressiva. (p. 84)

É este olhar sobre a formação e estruturação progressiva do crescimento dos conhecimentos científicos e seus problemas que nos interessam, pois permite nos aproximar das discussões já feitas no campo da Comunicação e definir de qual epistemologia trata este artigo. Navarro (2003), ao buscar um marco epistemológico para os estudos da comunicação, defende a legitimação do campo acadêmico da comunicação mostrando que os estudos possuem autonomia.

Os conhecimentos produzidos, segundo Navarro, referem-se validamente a alguma realidade, pois é um conhecimento histórico e socialmente construído na busca de adquirir e manter certezas críticas nas práticas institucionalizadas da formação universitária dos investigadores. Sobre a sua institucionalização, que é por onde parte a argumentação deste artigo, a análise deve tratar tanto do social (programas, associações, publicações) como cognoscitiva ou intelectual

(conceitos, métodos, articulações). Duarte (2003), por sua vez, defende que "pensar uma epistemologia da comunicação é encontrar um conjunto de ideias que se interliguem e expressem, o que se tenta tomar como tema de estudo e pesquisa de princípios teóricos e metodológicos" (p.41).

Martino (2007), no mesmo sentido dos autores acima, ao tratar dos embaraços epistemológicos e das dificuldades para definir o que seria a teoria da comunicação, aponta que

O estabelecimento de cursos universitários, a proliferação de instituições, a formação de sindicatos profissionais e associações científicas, o aparecimento de revistas especializadas, a constituição de uma produção intelectual dedicada à matéria... certamente ajudaram a criar e povoar um determinado nicho de conhecimento humano, nos acostumando com esta ideia. (p.15)

Nós nos aproximamos e validamos a citação acima por se tratar do movimento desenvolvido neste artigo e adequamos este acostumar-se ao rádio. Por fim, uma última conexão a ser destacada é já uma resposta a uma das perguntas feitas na introdução: de qual epistemologia estamos tratando? A abordagem escolhida para sustentar a investigação neste artigo foi a da sociologia da ciência, por compreendermos que a produção do conhecimento científico é condicionada pela sociedade, é produto de uma comunidade científica reconhecida e legitimada pelos pares ao considerar a ciência como uma prática social. Deste modo, "a sociologia da ciência se volta então para análise das instituições de pesquisa, onde são desenvolvidos os conhecimentos científicos, procurando analisar a interferência dos fatores coletivos" (MARTINO, 2003, p.77)

Um primeiro nicho, que ajudou a criar um conhecimento em rádio, é o estabelecimento do primeiro curso de ensino superior em Radialismo. Meireles (2020) afirma que ele estava vinculado à Universidade de Brasília (UNB), no início da década de 1960. No entanto, conforme Vicente (2009) relata, antes dele foi criado o primeiro curso superior em Comunicação no país, em 1935, instituído na Universidade do Distrito Federal (UDF), sediada no Rio de Janeiro, com o objetivo de formar jornalistas e publicitários versados num saber específico relacionado aos meios de comunicação.

Diniz (2010) discorda da data e nome do curso ao analisar jornais da época como fonte para entender a ausência de documentos, já que a UDF foi extinta pelo governo de Getúlio Vargas. A autora defende que o primeiro curso de Jornalismo data de 1938, segundo editorial escrito pelo jornalista Pedro da Costa Rêgo, confirmando o convite para fazer parte do quadro de professores do curso.

Este resgate histórico sobre o início do processo de institucionalização dos cursos universitários na área de Comunicação, Jornalismo e Radiojornalismo, permite pontuar que, mesmo datando do início dos anos de 1960 a criação do curso em nível superior de Radialismo, o rádio antes já estava presente nos currículos como disciplina.

Oliveira (2016, p. 15) destaca que a produção científica em rádio no Brasil já possui “um sólido repertório bibliográfico de referência obrigatória para inúmeros trabalhos de pós-graduação e muitos autores de língua portuguesa e espanhola”. Corroborando com este pensamento, Kischinhevsky et al. (2017) destacam que os pesquisadores espanhóis Fernández Sande e Pérez (2016) garantem que a produção científica brasileira sobre rádio está internacionalmente à frente de muitos outros países.

De acordo com Prata (2015), as pesquisas de rádio no Brasil têm efetivamente início nos anos de 1980. Antes a produção científica era esparsa e, muitas vezes, produzida por profissionais da área cujo foco era a transmissão eletrônica do áudio. Em 1991, a produção de conhecimento científico começa a se legitimar e ter espaço privilegiado dentro da Comunicação com a criação, pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), do Grupo de Trabalho Pesquisa em Rádio, um grupo de pesquisa exclusivamente sobre rádio e que, ao longo dos anos, teve outras denominações. Desde 2009, passou a se chamar Grupo de Pesquisa em Rádio e Mídia Sonora.

O grupo possui 32 anos de produção ininterrupta de conhecimento científico em cerca de mais de 18 eixos temáticos como: história/memória do

rádio, rádios comunitárias, rádios educativas, rádio pública, rádios universitárias, rádio local/regional/nacional/internacional, rádio rural, rádio poste, rádio e política, modelos de negócio no rádio, rádio e religião, radiojornalismo, rádio-arte, radiodocumentário, teorias do rádio, ensino e pesquisa em rádio, publicidade/propaganda no rádio, rádio esportivo, rádio e música, gêneros radiofônicos, rádio e convergência midiática, midiatização no rádio, os discursos radiofônicos, web rádios, podcastings, smart speakers dentre outros. Já organizou e publicou 28 livros.

Sobre as pesquisas em rádio desenvolvidas no Brasil, Lopez e Mustafá (2012) assinalaram a importância das teses de doutorado e dissertações de mestrado para uma consolidação epistêmica do campo. Elas mostraram que, entre 1987 e 2010, aconteceram, no país, defesas de 110 teses e 97 dissertações sobre rádio e mídia sonora, seja como objeto ou como fenômeno. Nesse intervalo, destaque para os anos de 2004 e 2008 (com 13 teses) e 2005 (com 14 teses). Kischinhevsky et alli (2017) sistematizaram uma cartografia dos objetos de pesquisa e perspectivas teóricas que nortearam a elaboração dos papers apresentados nos congressos nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, de 2001 a 2015.

Levantamento de dados a respeito da presença de textos sobre rádio na Compós já foi feito (PRATA; MUSTAFÁ; PESSOA, 2014). No artigo, as autoras mapearam a produção acadêmica sobre o rádio no Brasil a partir de trabalhos apresentados nos principais congressos nacionais de comunicação como Intercom, SBPJor, Rede Alcar e Compós. O recorte temporal, usado para o Congresso da Compós, foi de 2000 a 2010. Maia (2019) também identifica, em sua tese de doutorado, os artigos no período de 2010 a 2019 e aponta para o reduzido número de trabalhos sobre rádio na Compós, enfatizando a ausência de um grupo de estudos específico sobre rádio.

Procedimentos metodológicos

As informações, trazidas até aqui, mostram a relevância dos estudos e o quanto é importante uma interação reflexiva e analítica com todos os GT's da Compós e, mais especificamente, com o GT de Epistemologia por termos a hipótese que ali encontraríamos essa discussão. Esta aproximação traz o rádio como objeto, linha ou área de pesquisa a ser investigada na Compós pelo viés da produção de conhecimentos através de uma prática social, no país, que envolve criação de cursos universitários em Radialismo, projetos de pesquisa nos Mestrados e Doutorados sobre rádio, revistas especializadas, criação de associações científicas e Grupos de Trabalhos ou Pesquisa em eventos científicos, livros, redes de pesquisa e qualificada produção intelectual em rádio. Diante das reflexões e questionamentos sobre o rádio, fez-se uma análise das publicações da Compós nos últimos 23 congressos que venham a ter relação com o rádio e que possam apontar para uma possível epistemologia para essa área de conhecimento.

A metodologia usada foi sendo construída pela definição de quatro operadores semânticos que permitissem um levantamento dos dados a partir do mecanismo de busca, existente no site da Compós, que randomiza de acordo com os títulos de todos os artigos presentes no banco de dados.

Parte-se da hipótese da não existência no GT de Epistemologia, até o 2019, ano em que a pesquisa foi iniciada, de um artigo que versasse sobre epistemologia ou aspectos epistemológicos do rádio. Considerando a impossibilidade de ler a produção científica de todos os GTs, buscou-se operadores que indicassem um caminho que cobrisse os 23 eventos de produção de conhecimentos. Decidiu-se pela ferramenta de busca do site. O procedimento de coleta de dados se deu na aba Anais da Compós a partir de quatro operadores de sentidos: rádio, radiojornalismo, áudio e sonora(o). A escolha dos quatro se deveu à necessidade de abranger o maior número de possibilidades da presença de artigos que tratassem do universo radiofônico em todos os GTs e, se optasse por um operador, alguma informação importante

poderia ficar de fora. A escolha de um único operador provavelmente colocaria em xeque a tese da falta de artigos sobre o rádio.

O primeiro operador de sentido escolhido foi o rádio, por possibilitar uma abrangência que contemplasse termos como radiofonia, radiofônico(a), radiodifusão etc. O segundo operador foi radiojornalismo por sua especificidade, quando no primeiro teste se percebeu que o sistema de busca não encontrava alguns textos com esta nomenclatura.

Conforme já mencionado acima, o mundo hoje é outro e as pesquisas em rádio, para dar conta das novas configurações, trouxeram o termo mídia sonora para contemplar os estudos que investigam os desdobramentos atuais da relação rádio e internet. Desta forma, o terceiro operador semântico definido foi sonoro(a) com o objetivo de observar a presença deste novo termo no universo radiofônico.

Por fim, o áudio é o quarto operador. Ele é resultante de uma construção histórica ligada às políticas públicas que “contemplam” aspectos da radiodifusão ligados ao conceito de audiovisual. Com receio de o sistema buscar somente trabalhos que focassem no visual, a estratégia foi usar a palavra áudio na tentativa de remeter para artigos sobre rádio.

Com base nestes quatro operadores, foi feito um pré-teste a partir da hipótese, que justificaria ou não a escrita deste artigo, no GT de Epistemologia, desde o ano 2000. Com essa primeira etapa cumprida e nenhum artigo identificado, a partir dos quatro operadores semânticos, a contraprova foi a identificação, ano a ano, com o objetivo de checar a necessidade de inclusão de outro(s) operador(es) que pudessem viabilizar a análise, o que se mostrou desnecessário. Após a verificação detalhada e comprovação que as escolhas haviam refletido um resultado congruente, passou-se a aplicar cada operador ano a ano em todos os GT's. Desta forma, os termos: 'rádio', 'radiojornalismo', 'sonoro(a)' e 'áudio' aparecem nos GTs da Compós conforme a tabela 1.

Tabela 1 – Operadores Semânticos em artigos publicados nos GTs da Compós

Anos	Rádio	Radiojornalismo	Sonoro(a)	Áudio	Total
2000	01	00	00	00	01
2001	00	00	00	05	05
2002	02	00	01	00	03
2003	04	00	00	00	04
2004	00	00	00	02	02
2005	01	00	00	01	02
2006	01	00	00	00	01
2007	02	00	00	00	02
2008	02	00	00	04	06
2009	02	00	00	05	07
2010	04	00	01	05	10
2011	02	00	00	00	02
2012	03	00	00	00	03
2013	02	00	00	00	02
2014	02	00	00	00	02
2015	01	00	00	00	01
2016	00	00	01	00	01
2017	01	00	00	00	01
2018	02	01	00	00	03
2019	03	00	00	00	03
2020	01	00	00	04	05
2021	01	00	00	11	12
2022	00	00	00	00	00
Total	37	01	03	37	78

Fonte: Dados da pesquisa

Do total de 78 artigos, contabilizados a partir dos quatro operadores semânticos utilizados para coleta de dados nos GTs de 2000 a 2022, foram analisados 37 artigos encontrados a partir dos operadores 'rádio', 'radiojornalismo' e 'áudio'. O motivo da escolha de apenas um da amostra foi devido ele trazer em sua análise dados sobre rádio. Destacamos que apenas em um artigo identificamos, no título, os operadores de sentidos 'rádio e

radiojornalismo'. No entanto, a duplicação por repetição não compromete o resultado acima. Os 36 artigos com o operador 'áudio' e os três com sonoro(a) não foram analisados porque, pelo menos no *corpus* observado, áudio se referia a políticas públicas, a cinema, a televisão, a internet, a trilha sonora e reconfiguração do mercado de mídia sonora a partir do serviço de streaming de áudio e, por fim, à diversidade musical no Brasil.

Ementas como indicadoras de sentidos

Com base nas informações citadas acima, fez-se um levantamento da quantidade de artigos aceitos nos GTs e uma análise mais detalhada das ementas, em busca de indicadores que ajudassem a elucidar a razão para estes aceites de artigos sobre rádio. A tabela 2 apresenta o resultado do levantamento quantitativo.

Tabela 2 – Artigos aceitos em GTs da Compós 2000 a 2022

GTs	Nº de artigos
Economia Política e Políticas de Comunicação	6
Cultura das Mídias	5
Práticas Interacionais e Linguagens na Comunicação	5
Comunicação e Cidadania	3
Comunicação e Política	3
Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias	3
Políticas e Estratégias de Comunicação	2
Comunicação e Poéticas Digitais	2
Comunicação e Sociabilidade	2
Fotografia, Cinema e Vídeo	1
Recepção: Processos e Interpretação, Uso e Consumo Midiáticos	1
Mídia e Entretenimento	1
Estudos de Televisão	1
Estudos de Jornalismo	1
Comunicação e Cibercultura	1
Memória nas Mídias	1

Fonte: Dados da pesquisa

Os grupos de trabalho Comunicação e Sociabilidade; Comunicação e Política; Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual e Estudos de Jornalismo estão presentes nos Anais desde 2000, ano de início da construção da memória do congresso no site oficial. É de fundamental importância registrar que os encontros da Compós começaram em 1991, mas somente nove anos depois os Anais se tornaram públicos para consulta.

Ao longo do período analisado, a maior aproximação do rádio com o congresso foi por meio do GT de Economia política e políticas de comunicação. Foram sete artigos de 2005 a 2009. Nos GTs de Economia Política e Políticas de Comunicação, os textos trazem temas como cidadania e coronelismo eletrônico na radiodifusão brasileira (2005), rádios comunitárias (2006, 2008, 2009 e 2010), história da indústria de radiodifusão sonora brasileira e sua relação com o capitalismo (2007) e políticas de radiodifusão pública (2009).

Em segundo lugar, estão empatados os GTs Práticas Interacionais e Linguagens na Comunicação e Cultura das Mídias. Os dois aprovaram, respectivamente, cinco artigos cada um. Os artigos do GT Práticas Interacionais, de 2011 a 2014, possuem as seguintes temáticas: elementos sonoros da linguagem radiofônica para um ouvinte modelo (2011), novas práticas interacionais no rádio social (2011), novas práticas interacionais sonoras e o serviço do rádio social (2012), interações no rádio musical expandido (2013), interações e mediações (2014).

O Grupo de Trabalho Cultura das Mídias, em 2003, abriu espaço para dois trabalhos: as adaptações literárias para o rádio/TV/cinema e a cultura midiática e o Big-Brother chega ao rádio. Em 2018, o objeto de pesquisa rádio retornou às discussões em dois artigos sobre rádios comunitárias e podcast. No ano seguinte, a produção independente de música popular e teatro no rádio paulista na virada dos anos de 1970 para 1980. No ano de 2020, identifica-se um assunto

que se tornaria expoente na área. A discussão sobre podcast aparece pela primeira vez em um artigo sobre podcast narrativo no radiojornalismo norte-americano. O Cultura das Mídias aprovou o primeiro texto em 2003 e o último em 2020. Observou-se a existência de um hiato de 15 anos entre os primeiros textos e os mais recentes.

Existe outro empate também no terceiro lugar. Os GTs Comunicação e Cidadania, Comunicação e Política e Recepção, Circulação e Usos Sociais Das Mídias aprovaram, respectivamente, três artigos cada um. No GT Comunicação e Cidadania, a temática, em 2013, foram os ouvintes de uma rádio poste em uma comunidade de Salvador; em 2017, a radiodifusão comunitária; e, em 2018, as lutas pelo direito à comunicação nas rádios comunitárias.

Em Comunicação e Política, em 2003, a discussão girou em torno das rádios comunitárias do Ceará nas campanhas eleitorais de 1998-2000; em 2008, foram as rádios comunitárias brasileiras e o seu espaço definido pelo Estado; e, em 2015, a cobertura das eleições de 2014 em três emissoras públicas de rádio.

O GT Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias trocou de nome ao longo do tempo e, para este artigo, optou-se pela nomenclatura atual. Em 2012, 2019 e 2021, respectivamente, os artigos discutiram a midiatização das memórias midiáticas nas relações estabelecidas no âmbito da recepção radiofônica, a dinâmica do rádio na circulação e construção de circuitos e os sentidos da escuta radiofônica entre pacientes hospitalizados.

Em quarto lugar, novos empates com aprovação, por cada um, de dois artigos. O GT Políticas e Estratégias de Comunicação, em 2005, debateu o coronelismo eletrônico na radiodifusão brasileira. Vale ressaltar que este é o único artigo cujo operador de sentido "radiodifusão" apresenta dados sobre o rádio. Na reunião de 2006, o tema girou em torno da importância das rádios comunitárias na construção das territorialidades contemporâneas.

O GT Comunicação e Poéticas Digitais, no ano 2000, apresenta o único artigo em todo congresso naquele ano sobre rádio: o 'não verbal' nas rádios internacionais uma análise sobre a webrádio experimental 01/01. Depois, em

2002, o enfoque foram as adaptações literárias para o suporte rádio. Naquele mesmo ano, o GT Comunicação e Sociabilidade discutiu a cultura popular nordestina no circuito das rádios comerciais do Rio de Janeiro e de São Paulo entre 1930 e 2001. Oito anos depois foi a vez da prática de cidadania comunicativa na experiência de rádio comunitária desenvolvida por agricultores sem-terra.

O levantamento dos dados apontou que sete diferentes GT's aprovaram um artigo cada um em anos diferentes: Estudos de Cinema Fotografia e Audiovisual fez um debate sobre os sons e imagens do rádio no filme de Woody Allen, *A Era do Rádio* (2003); Mídia e Entretenimento, Estudos de Televisão, Estudos de Jornalismo, Comunicação e Cibercultura e Memória nas Mídias tiveram entre seus papers, por ordem de citação, os novos usos do rádio pela geração podcast (2007), MTV como a remediação da rádio FM (2012), radiojornalismo transmídia e a imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos (2018), a interação mediada online na audiência radiofônica (2019), e a resistência das práticas comunitárias através da oralidade, anúncios e avisos para comunidades rurais e urbanas periféricas pela Rádio Educadora do Maranhão.

A leitura das ementas de alguns GTs² que aceitaram artigos tratando das questões do rádio possibilitou identificar, segundo alguns enunciados, um caminho de aproximação. No GT de Comunicação e Cibercultura, no trecho "as transformações no audiovisual (Web, fotografia, cinema, TV, som) com a prática de dados", é possível perceber, entre outras possibilidades, que, neste trecho, existe a abertura para as questões do rádio a partir da palavra som, no entanto, no sistema de busca de artigos com esta palavra não foi encontrado nenhum texto. A imprecisão permite a abrangência e o acolhimento de qualquer produção científica que se enquadre na denominação. O texto, aceito em 2019, comprova isso, pois ele discute as falhas na transformação na audiência

² Os GT's cujas ementas não aparecem no texto é porque no momento desta pesquisa estão inativos e elas não foram encontradas no atual site da Compós (<https://www.compos.org.br/>).

radiofônica com o uso da hashtag como estratégia de maior interação com os ouvintes por ocasião da Copa do Mundo de 2018. Outra coisa que nos chamou atenção é que as outras ementas definem melhor a pertinência ao GT.

Na apresentação do GT Comunicação e Cidadania, há duas possibilidades de aceite de artigos que tratem dos processos midiático-comunicacionais e dispositivos da informação e da comunicação. Embora também amplas, mas pelo menos não restringe a um aspecto tão técnico. Um dos textos trouxe a rádio comunitária no contexto do dia a dia numa comunidade de Salvador (BA) a fim de entender como os moradores escutam a rádio-poste em concorrência com outras paisagens sonoras. Os outros discutem, respectivamente em ordem cronológica, a autenticidade da radiodifusão comunitária e a luta pelo direito à comunicação em uma rádio comunitária do Ceará.

O GT Comunicação e Política afirma que privilegia “a comunicação empreendida por agentes do campo político e da sociedade civil; mídia e eleições e cobertura midiática sobre os agentes e as instituições da política”. Aqui, acredita-se que a presença dos textos se deve ao enquadramento à rubrica mídia e eleições, uma vez que o objeto principal é a comunicação enquanto campo numa relação interdisciplinar com a política e a materialização na cobertura midiática. O texto mais antigo trata das eleições de 1998 e 2000 pelas rádios comunitárias do Ceará. O segundo é sobre o espaço que o Estado brasileiro destina para as rádios comunitárias e o último, a cobertura das eleições de 2014 por três rádios públicas.

O grupo de trabalho Comunicação e Sociabilidade destaca “os modelos de interação comunicativa e de sociabilidade engendrados pelos artefatos midiáticos, bem como os modos de apropriações dessa produção e os seus impactos”. Os veículos são designados como artefatos midiáticos nos quais se pode identificar, nos textos deste grupo, formas de interação no rádio. O artigo problematiza a criação de uma cultura popular nordestina a partir da relação do nordestino com o rádio comercial no Rio de Janeiro e São Paulo entre 1930 e 2001. Outro artigo estuda a cidadania comunicativa na experiência em uma

rádio comunitária num assentamento de sem terras no município de Abelardo Luz, em Santa Catarina.

O GT Cultura das Mídias abre espaço para tratar das “intermedialidades, transmedialidades e convergências.” O texto de 2003 foca nas adaptações literárias para rádio, TV e cinema, produzindo uma cultura midiática. Percebe-se uma preocupação do autor com a transposição de linguagens a partir das tecnologias. Outro artigo, deste mesmo ano, teve como objeto de análise o pioneirismo de três emissoras de rádio de Santa Catarina que adaptaram o modelo do Big Brother para o rádio. Em 2018, o tema foi as práticas e o consumo de podcast que, segundo o autor, insere-o em uma cultura midiática audiovisual, afastando-se do modelo do rádio convencional. No ano seguinte, o texto trouxe a efervescência cultural na passagem das décadas de 1970 para 1980 de uma produção cultural independente no rádio paulista. No ano de 2020, o podcast volta a ser objeto de análise a partir da experiência da Rádio Ambulante. Um programa em língua espanhola, criado nos Estados Unidos, que tem como modelo o gênero narrativo tradição da National Public Radio (NPR), a rede de emissoras públicas norte-americana fundada em 1970.

Estudos de Cinema, Fotografia e Audiovisual é o Grupo de trabalho em que “as dinâmicas postas em circulação pelos diferentes meios imagéticos e sonoros em suas conexões com as práticas sociais, culturais, políticas e artísticas. As noções de imagem e som como acontecimento (...)”. Aqui, voltam a aparecer as denominações também usadas em outros GTs, mas com diferenças. O termo sonoro está ligado aos meios (de comunicação) e o termo som a um acontecimento. O nome do GT traz um dos operadores-chave da pesquisa, audiovisual, mas, em toda amostra, pode-se constatar que o visual se sobrepõe ao áudio que só existe, neste caso, como elemento e não como protagonista.

Estudos de Jornalismo é um GT cuja ementa destaca as “reconfigurações das audiências, interações nas redes sociais, transformações nos processos produtivos em contexto de convergência em múltiplas plataformas, mobilidade

no jornalismo, bem como inovações e tendências que orientam a práxis jornalística na atualidade." Com foco no jornalismo e nos processos produtivos da práxis na atualidade, os conceitos de convergência, multiplataformas e mobilidade permitem que todos eles sejam trabalhados, também, pelo rádio. O único artigo, identificado pela amostra, que traz o jornalismo para o rádio, data de 2018 e investiga o radiojornalismo transmídia, num cenário de convergência a partir da imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos.

Estudos de Televisão abrem espaço quando aceitam textos que possibilitam a interação da televisão com outras mídias e plataformas. Considerando a delimitação do GT, todos os outros suportes são considerados mídias. No único artigo, encontrado nos Anais do grupo, em 2012, a autora afirma que a MTV construiu a sua identidade como um canal musical através da remediação dos modelos e formatos das rádios FM. Assim, como no artigo sobre o filme A era do rádio, aqui a MTV, uma TV a cabo, é o foco da investigação com base nas contribuições das rádios FM.

O Grupo de Trabalho de Memória nas Mídias usa o conceito também no plural. Há um olhar específico para as imagens e para os textos verbais ou não verbais, o que não se encaixa nestas definições são consideradas manifestações comunicacionais. O texto de 2020 investiga, a partir da oralidade primária e secundária, a relação do público ouvinte com um programa que está no ar há mais de cinco décadas em uma rádio AM em São Luís (MA), que está no processo de migração para o FM.

O GT Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias está aberto para receber textos que analisem processos que envolvem a relação da sociedade com os meios de comunicação, tendo como objetos de estudo as instâncias da produção, da circulação e da recepção de mensagens em contextos analógicos, digitais e de convergência de mídias.

Importante ressaltar que o objetivo deste movimento não é questionar adequação, veracidade, correção e precisão dos termos nas ementas, mas encontrar a dispersão e apontar pistas que indiquem possibilidades de acesso

à produção radiofônica em GTs da Compós, uma vez que, até 2022, não existia, no âmbito do congresso que representa a pós-graduação brasileira, um Grupo de Trabalho específico para o rádio. Em 2023, no entanto, foi criado o GT Estudos Radiofônicos para agregar as pesquisas direcionadas ao rádio e às mídias sonoras, o que contribui para o debate epistemológico provocado por este artigo.

Nuvem com palavras-chave

A norma NBR6028, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), define que as palavras-chave devem ser representativas do conteúdo do documento. Por serem palavras escolhidas para apresentar uma ideia clara sobre o conteúdo do trabalho, elas devem, preferencialmente, trazer um vocabulário controlado, que permita rápida e fácil identificação do documento no seu campo de pesquisa. Considerando a importância da representação, a clareza que traz do conteúdo e a identificação de termos importantes que apontam para os principais temas investigados na produção de pesquisas em rádio, fizemos um levantamento das palavras-chave de todos os textos da amostra com o objetivo de identificar a presença das principais temáticas radiofônicas que se aproximaram das discussões na Compós.

Martino (2007, p.15), ao fazer uma discussão epistemológica sobre a existência de muitas ou poucas teorias da comunicação, apresenta elementos históricos muito importantes que ajudaram na institucionalização do campo comunicacional e contribuíram com a formação de “um determinado nicho do conhecimento humano”. Os eventos organizados por associações científicas é um deles, por não só trazer visibilidade para produções científicas em rádio, como, também, por organizar através de anais e publicações de livros, formas de acesso a este domínio específico de conhecimento.

Todo artigo científico precisa trazer, em sua estrutura formal, as palavras-chaves que, conforme destacamos acima, representam o conteúdo de que trata o texto. Elas são uma porta de entrada, que indica os elementos precisos que

estruturam uma forma de conhecimento e consolidam a produção científica em um campo de estudo. Para compreendermos melhor sua importância e como elas refletem a existência de uma área de conhecimento nos textos, selecionamos as palavras-chave contidas no corpus, elaborando, em seguida, uma nuvem de palavras, como apresentamos na imagem 1, a seguir. A nuvem foi elaborada com base na ferramenta on-line Word Art³.

Imagem 1 - Nuvem de palavras-chave nos artigos da Compós de 2000 a 2022



Fonte: Dados da pesquisa.

Apresentamos, a seguir, as quatro palavras mais frequentes. Optamos por não discutir os termos que aparecem três e duas vezes para não tornar este segmento de texto demasiadamente longo, visto que a análise das quatro palavras de maior destaque contempla os objetivos propostos neste artigo. Por exemplo, entre as palavras que aparecem três vezes estão “participação” e “comunicativa”, assuntos que surgem como pano de fundo de outras temáticas. “Recepção” e “mediação” estão entre os termos que aparecem duas vezes, mas dialogam com “interações”, a ser comentado mais adiante.

Optamos por agregar termos compostos, a exemplo de rádio(s) comunitária(s), mantendo as concordâncias de número. Desta forma, ‘rádio’ é a palavra-chave de maior destaque, aparecendo em doze artigos, seguida por ‘rádio comunitária’, presente em seis textos. No entanto, ‘rádios comunitárias’ (plural) circula em três, sinalizando que a discussão acerca de emissoras

³ Utilizamos a ferramenta Word Art. Disponível em: <https://wordart.com/nwl5dqaletg/nuvem-de-palavras>.

comunitárias, de modo geral, tem grande destaque no corpus analisado.

A terceira palavra-chave mais frequente é 'podcast', empatada com 'interações', ambas aparecem em quatro artigos. 'Comunicação' é a quarta palavra-chave, citada em três artigos. Oito palavras-chave são destacadas de dois textos cada: 'radiodifusão pública'; 'participação', 'política de comunicação', 'cidadania comunicativa', 'mediações', 'mídias sociais', 'memória' e 'rádio expandido'.

Um ponto a ser destacado após identificarmos quantitativamente os temas mais recorrentes nos encontros da Compós é a presença da palavra rádio em doze artigos. Esta é uma representativa presença na ausência de um lócus específico para discussão, em um congresso que reúne todas as pós-graduações do país. Como destacado acima, a visibilidade é uma estratégia importante na consolidação desta área do conhecimento no campo da Comunicação. O resultado mostra uma gama de pesquisas e reflexões que apontam para a readaptação e reinvenção do rádio frente às mudanças tecnológicas.

Para termos uma ideia do amplo universo de debate sobre este fenômeno midiático, podemos citar, aqui, os temas centrais de alguns destes trabalhos: a cultura das mídias e as adaptações literárias para o rádio; o reality show chega ao rádio; estudo da história da indústria do rádio; inserção do rádio no mundo digital; o rádio em um ambiente de convergência midiática; rádio social; remediação dos modelos e formatos das rádios FM para TV; diversas modalidades de rádio via internet; práticas interacionais no rádio musical; o rádio remediado pela internet, pela telefonia móvel e pelas mídias sociais e incorporando à sonoridade elementos visuais, hipertextuais e novas práticas interacionais; os modos pelos quais a produção e o consumo de podcasts se diferenciam do rádio convencional; e fluxos comunicacionais dinamizados pela ação dos sujeitos participantes da sociedade em midiatização no rádio.

Em segundo lugar, ficou o debate a respeito da produção de textos sobre rádios comunitárias. Estes nove artigos apresentados, ao longo destes 23

congressos da Compós, apontam para um conhecimento amparado na resistência, uma vez que o rádio, em muitos locais, como o interior do Brasil e as áreas periféricas das regiões metropolitanas das capitais, é o veículo de comunicação que dá visibilidade aos temas que interessam às comunidades. Para destacar a importância dessa função social, podemos citar os temas dos trabalhos apresentados: rádios comunitárias na construção das territorialidades contemporâneas, o funcionamento das rádios comunitárias brasileiras e suas relações com o Estado, a capacidade de contribuição das rádios comunitárias para o desenvolvimento humano e social, políticas públicas para radiodifusão comunitária, de cidadania comunicativa a partir de uma experiência de rádio comunitária, os principais aspectos que configuram as rádios comunitárias no Brasil, a escuta pelos ouvintes em seu dia-a-dia de uma rádio comunitária, a rádio comunitária autêntica e lutas pelo direito à comunicação nas rádios comunitárias.

Em terceiro lugar, temos um empate, com as palavras-chave podcast e interações aparecendo em quatro artigos. Vale destacar, aqui, que diferentes palavras podem estar em um mesmo artigo. Entretanto, consideramos que, nos casos em análise, isso não compromete o resultado final porque o objetivo é analisar os temas que sustentaram as discussões ao longo do período analisado. Sobre a temática podcast, ele, às vezes, aparece grafado podcasting, mas, às vezes, não está nas palavras-chave, aparecendo tanto nas duas grafias quanto podcasters. Neste artigo, consideramos que estas variações contribuem no reforço do argumento que destaca a importância desta produção de conhecimento na área. Outro ponto a ser ressaltado foi que se observou a presença dessa variação ou como objeto de análise ou no resumo, como podemos exemplificar nos temas de alguns trabalhos: a "geração podcasting" e os novos usos do rádio; a configuração do podcast In the Dark no cenário de convergência; desenvolvimento histórico e a produção atual de podcasts e podcasts narrativos. Acredita-se ainda que a incidência da palavra podcast, em terceiro lugar, indica a proeminência dada ao assunto como objeto de estudo

nos últimos anos, o que sinaliza as transformações e possibilidades operadas no contexto do avanço tecnológico, bem como o empenho dos pesquisadores brasileiros em investigar as estratégias de produção, consumo e estruturação do podcasting enquanto meio digital ainda considerado recente se comparado ao centenário rádio.

Já a palavra-chave 'interação' aparece em textos de quatro congressos seguidos. Outro ponto é que ela está em textos que também trazem a palavra rádio. Segundo os autores dos artigos analisados, as práticas interacionais aparecem como uma opção metodológica de estudo num cenário de interações mediadas por computador, redes sociais e tecnologias digitais. As interações comunicacionais atualmente em diversos níveis, inclusive, as interações radiofônicas, que deixam de ser apenas mensagens trocadas entre locutor e ouvintes e passam a ser consideradas na relação que existe entre eles em um determinado contexto que envolve amplos aspectos, entre os quais, a ocorrência de publicações em redes sociais, realização de lives e disponibilização de conteúdos sob demanda. Para configurar a pertinência deste debate, que será aprofundado em artigos futuros, podemos citar os temas desses trabalhos: interações e mediações, entendidos como instâncias de apreensão dos processos que redesenham a radiofonia e possibilitam ultrapassar os limites da discussão do rádio enquanto linguagem; as práticas interacionais no rádio musical; a especificidade de novas práticas interacionais sonora; e a emergência de novas práticas interacionais a partir do surgimento das mídias sociais de base radiofônica. Sessenta palavras-chave aparecem apenas uma única vez nos artigos, elas estão dispostas no quadro 1:

Quadro 1 - Palavras-chave presentes em artigos sobre rádio da Compós até 2022

Adaptações	Crise	Globalização	Radiodifusão
Análise de redes sociais	Crítica cultural	História	Radiojornalismo
Autenticidade	Cultura midiática	Interesse público	Reality shows
Autonomia comunicativa	Desenvolvimento	Jornalismo narrativo	Recepção
Capitalismo	Desenvolvimento humano	Linguagem radiofônica	Recepção radiofônica
Cinema	Direito à comunicação	Mídia	Resistência
Circuitos	Economia política da comunicação	MTV	Samba
Circulação	Eleições 2014	Música independente	Serviço público de radiodifusão
Comunicação e política	Elementos sonoros	Oralidade	Sociabilidade
Comunitária	Entretenimento	Ouvinte-modelo	Tecnologias
Confecom	Escuta	Política	Televisão a cabo
Conselho deliberativo	Espetáculo	Produção radiofônica	Territorialidade
Convergência	Estado	Rádio em São Paulo	TV
Cotidiano	Estado do Rio de Janeiro	Rádio FM	Vanguarda Paulista
	Etnografia	Rádio Itatiaia	Videoclipe
		Rádio livre	
		Rádio transmídia	

Fonte: Dados da pesquisa

O quadro 1 nos permite, assim, compreender que as menções ao termo 'rádio' ultrapassam a frequência encontrada na formação da nuvem (figura 1), as palavras-chave 'rádio em São Paulo', 'Rádio Itatiaia', 'rádio FM', 'rádio transmídia' e 'rádio livre' apontam para questões geográficas, empresariais, tecnológicas e usos sociais, por exemplo. Interessante perceber, também, que 'radiojornalismo' e 'jornalismo narrativo' compõem o quadro 1, ou seja, pouco destaque no conjunto de artigos.

Em relação às palavras que apareceram apenas uma vez, para a pesquisa é muito importante discutir aspectos que apontem para uma episteme do rádio, mesmo que não tenhamos respostas completas agora, mas é fundamental deixar em aberto a questão: é possível pensar um "estatuto epistemológico próprio" ao rádio?

Considerações finais

Com o avanço tecnológico, o rádio de ondas hertzianas se transformou, a partir dos espaços e mudanças que vieram, fazendo com que o campo refletisse a denominação e buscasse agregar à nova realidade a dinâmica surgida com uma expansão de configuração do rádio que se espalha pelas mídias digitais e sociais. Dessa forma, os termos sonoro(a), áudio e som, assim como outrora, radiodifusão, pressupõe a inclusão da prática social radiofônica e suas